

## A PERESTROIKA E A 2ª GUERRA FRIA

José JOFFILY

Observadores internacionais consideraram a permanente indefinição da União Soviética diante do conflito do Oriente Médio como reflexo de uma crônica crise política interna. Crise, cujas raízes históricas remontam à implantação do totalitarismo stalinista, hoje rotuladas de “problemas da modernidade.” No outro lado da moeda o PCUS vê a libertação do Kuwait apenas como um pretexto para controlar o petróleo mundial.

O que vem a ser ambição de modernidade? Não é só a liberdade de ir-e-vir ou a liberdade de pensamento. Desencadeado o processo, é quase impossível descartá-lo pacificamente. É a crescente ambição de condições materiais da existência proporcionais ao sistema de conforto contemporâneo. Não confundir com ostentações de prosperidade nababesca que caracterizam as extremas desigualdades sociais, isto é a ignóbil exploração do homem pelo homem, dentro da perspectiva de uma segunda Guerra Fria já em adiantada gestação.

Fico a imaginar qual seria a reação de Lenine diante da idéia de que a sôfrega e empolgada pequena-burguesia iria prevalecer sobre a austera “ditadura do proletariado...”

Gorbachev soube interpretar, na hora certa, o anseio de liberdade que vinha aumentando na medida em que a classe média - decorrente da industrialização intensiva - passava a exercer preponderância dinâmica no contexto da sociedade soviética. Afinal, a Perestroika é uma impaciente insurreição intestina contra os resíduos do estalinismo incompatíveis com a democracia de consumo e que, indiretamente, contribuiu para favorecer os EUA, na luta pela hegemonia universal.

Por acaso, acompanhei, desde 1960, o início desse movimento de reforma ideológica quando as aspirações pequeno-burguesas já se manifestavam refratárias ou indiferentes à 1ª Guerra Fria.

É bem expressivo o episódio da inesperada visita a um capitão do Exército Vermelho publicada na época:

À certa altura, notando a pobre sala de poucos móveis, indaguei se estavam, há tempos, na fila para aquisição de uma TV e de um telefone. A resposta foi de iniciativa da jovem senhora, professora de línguas: "Na fila da TV estamos há mais de 2 anos. Na fila do telefone a inscrição era no nome da minha mãe. Quando nossos dois garotos nasceram, Boris não passava de tenente e esperavamos a vez de comprar uma geladeira na lista de espera do 1º Regimento de Infantaria."

Horas depois, o modelo de resposta iria coincidir com outras, colhidas entre pessoas do povo, no começo de maio, exatamente no dia primeiro.

Em meio às grandiosas festividades do Dia do Trabalho, ocorreu o terrível desafio do Pentágono:

Power, piloto americano, sobrevoava as bases militares soviéticas. Ao completar a série de fotografias, o avião U-2, foi abatido pela força anti-aérea russa. Salvando-se, o aviador cercado de advogados procedentes da CIA, e submetido a julgamento público, confessou a missão de espionagem, na presença de todos os correspondentes da mídia internacional.

Nem mesmo sob aquele impacto de flagrante agressão americana, as opiniões ouvidas a esmo, em lojas, hotéis e restaurantes, apresentavam sensíveis diferenças. Estas raríssimas partiam de elementos ligados ao Kremlin e ainda assim, plenas de reticências. É o caso do depoimento do próprio Valentim, jovem intelectual do Konsomol, dominando razoavelmente o português, que estivera no Rio (acompanhando o Balet Bolshoi) e que nos serviu de intérprete: "Aqui não há privilégios burgueses. Todos têm o mesmo padrão de vida. E a produção industrial está essencialmente comprometida com os planos de defesa nacional. Eu me contentaria com uma motocicleta ou uma máquina de lavar, mas sou capaz de ainda esperar uns 5 anos se assim a estratégia do Partido exigir. A lição do Sputnik está bem presente..."

Dá a impreterível necessidade de uma arrojada reformulação da economia soviética, abrindo caminho para o desarmamento, cancelando programas de submarinos atômicos, mísseis e de outras armas nucleares para elevar a produção de artigos de consumo popular.

A atual escassez de cigarros na Rússia, é capaz de provocar uma convulsão tão inquietante, como se para a classe média brasileira faltasse a novela-das-oito ou produtos de higiene e beleza... A extinção do cartão de crédito provocaria revolta dos Três Poderes... Seria uma subversão semelhante ao desaparecimento das empregadas domésticas para a alta classe intelectual do Brasil... partidária do socialismo...

Vinte anos depois, amigos que regressavam das Olimpíadas faziam comentários sobre a admiração provocada, entre os atletas soviéticos, por algumas corriqueiras conquistas da tecnologia de escritório e das amenidades, tais como: xerox, rádio de pilha, desodorante, barbeador elétrico. Até pelo zíper, usual em blusões dos times estrangeiros, ficavam eles fascinados... Eram cerca de 10 mil atletas da França, EUA, Inglaterra, Itália, Alemanha e outros países capitalistas exibindo atraentes inovações.

Tenho, por conseguinte, razões para perceber o alcance das ardentes pretensões de paz e bem-estar do povo soviético. Por isso mesmo, lá, com a maior naturalidade, notícias da recente inauguração da "MC D'onald's" que se tornou verdadeiro "happening" na capital, com filas quilométricas que iam até a Avenida Gorki. Ao anoitecer a coca-cola já era negociada com ágio... Moscovitas de inflexível formação política deslumbrados com a modernidade...

Arrastar aquela multidão de jovens, crianças e velhos para sofrerem, além das carências atuais, os horrores de uma guerra tresloucada, teria sido um milagre mais espantoso do que secar o Mar Vermelho para ganhar a batalha bíblica contra os faraós. Mais assombroso do que o retorno de Batista ao governo de Cuba...

Naquele tempo, a história caminhava a pé, mas hoje voa em jatos supersônicos. Torna-se portanto lotérico acompanhar todos os lances de acontecimentos cada vez mais velozes, desencontrados e cambiantes. Mais intrincado é formular previsões sobre conflitos e hegemonias, semelhantes às que trucidaram milhões no Oriente Médio salpicando de sangue, miséria e fome o resto do mundo.

E a próxima guerra?

Terminada a do Golfo Pérsico, analistas internacionais calculam agora em 150 mil mortos. Outros, mais realistas, avaliam em 200 mil. Acima desta densidade demográfica, talvez o Brasil não tenha mais de 50 cidades. E a terceira carnificina? Menos ou mais de 1 milhão? Nesta hipótese teremos que ouvir o eminente professor da Universidade de São Paulo, Gofredo Teles, que acaba de declarar à Teoria & Debate, revista do PT: "Parece que Gorbatchev é a quinta coluna capitalista dentro da URSS."

Estará o renomado mestre prevendo um catástrofe? Retornar a Rússia ao regime néo-czarista custaria certamente 1 ou 2 milhões de vidas na... primeira semana de hostilidades... O fim da guerra quente com a "nova divisão do poder", pode nos levar a uma segunda Guerra Fria, a menos que a Rússia, governada pela pequena-burguesia, se conforme com a supremacia

dos EUA. A exemplo do que está acontecendo com a Alemanha Oriental, agora simples satélite da Alemanha Ocidental.

Um detalhe: Quanto mais abrangente for a interpretação e mais dilatado o horizonte das projeções, a atual conjuntura apresenta-se cada vez mais desconcertante. Ao invés de avaliações teríamos futurologia, confusa ciência já desacreditada desde o "Hudson Institut", descrédito, aliás, que antevi em 1977: "Eis senão quando, de repente, a economia mundial foi abalada pelo oilshock e seus desdobramentos políticos. Nações literalmente cobertas de areia começaram a emergir do desenvolvimento milenar, com os petrodólares, e a subverter projeções econômico-financeiras das superpotências." (Distorções e Revisões - Pág. 19, Editora Lider.)

Terá sido o controle do petróleo o verdadeiro preço da queda do muro de Berlim com todos seus estímulos e desdobramentos? De uma forma ou de outra, não fujo à minha responsabilidade de veterano social-democrata:

Parece que a solução soviética, pelo menos em caráter temporário seria convocar eleições livres para consolidar os valores de liberdade tão reclamados pela imensa classe média, cansada de tanto esperar por uma liberdade de vida semelhante à dos pequenos-burgueses do Primeiro Mundo. É esta a verdadeira abertura. Os eleitos pelo povo poderão decidir sobre a propriedade privada da terra e a liberdade de enriquecer democraticamente.

Para melhor esclarecimento histórico dos atuais paradoxos da política internacional entendo o seguinte: A Revolução Industrial, com a máquina a vapor, agravou a luta de classes privilegiando os detentores dos bens de produção e a concentração de rendas em detrimento da classe operária. Por motivos análogos, a atual Revolução Tecnológica, com a proliferação das tarefas qualificadas deu origem ao vertiginoso desenvolvimento da classe social intermediária entre o capitalismo e o trabalho. Ganhou então mais espaço uma classe média cuja ascensão está na razão direta da mão-de-obra especializada. Noutras palavras: com a elástica diversificação de técnicos em física, informática, biotecnologia e química-de-ponta - para citar apenas alguns exemplos vem se ampliando um mercado salarial sofisticado que exige progressivas remunerações superiores a 2.000 rublos. Com seu inevitável poder de diálogo reivindicante no seio da sociedade, desempenham os técnicos imperativa influência no âmbito de algumas decisões nacionais. Daí a similaridade, no presente quadro mundial, entre a estrutura sócio-política dos EUA e a da União Soviética.

Em termos objetivos: a conhecida relutância da classe média americana em participar ou mesmo apoiar (naquela segunda etapa) a guerra do Vietnã é bem semelhante à que ocorreu agora no seio da população russa em relação ao Golfo Pérsico.

Nem guerra santa nem guerra justa...

Todavia, quanto ao moral do Alto Comando não se perca de vista uma realidade transparente: O contraste de posicionamento dos dirigentes soviéticos (desprovidos de qualquer ambição de fortuna) diante dos governantes dos EUA, ligados forçosamente a interesses monopolistas e multinacionais.

Entretanto não ousou sustentar que a Paz Mundial esteja na dependência do comportamento social e político da pequena-burguesia, atribuindo-a um papel hegemônico na história contemporânea. Outros fatores do complexo industrial-militar podem alterar o quadro internacional ainda dividido entre dominantes e dominados, entre imperialistas e semi-coloniais, entre 1º, 2º e 3º mundo.

Esta ordem final de idéias nos levaria a uma conclusão utópica: o predomínio de um pacto social de redistribuição universal de rendas que tivesse o mesmo alcance de um regime socialista. Então, a formação de uma poderosa comunidade desfrutando pleno bem-estar abriria caminho para extinção da milenar luta de classes e para chegar ao céu também... Enquanto houver esperança de vida melhor e mais liberdade haverá perestroikas. Enquanto houver regime capitalista haverá guerras. Com certeza.